

O Homem Atual na Perspectiva do Trabalho – Sua Localização e Potencialidades

Resumo da Palestra proferida em 28/08/2008

Nos dias atuais, em que existe uma relativa abundância de textos e grupos de estudos sobre as idéias de Gurdjieff, naquilo que ele denominou de 'Trabalho de Quarto Caminho', e seu discípulo mais conhecido, P.D. Ouspensky, de 'Sistema', é bastante comum encontrarmos pessoas interessadas nesses assuntos de auto-aperfeiçoamento e desenvolvimento do ser bastante bem informadas e mesmo, dotadas de conhecimentos bastante aprofundados sobre diferentes facetas e aspectos deste estudo.

A afirmação de que o 'homem está adormecido a maior parte do tempo', e que necessita realizar algum tipo de trabalho sobre si no sentido de despertar, na maioria das vezes é confirmada pela realização mais ou menos superficial de 'exercícios de auto-observação' ou de 'recordação de si', que devem ser realizados ao longo de um determinado período de tempo, para chegarmos à constatação que é praticamente impossível a sua realização numa base contínua e constante, visto que somos distraídos seja pelas lides e solicitações da realidade que nos rodeia, seja pela dificuldade de controlarmos os diálogos internos, ansiedade, fantasias e outros elementos que povoam o nosso mundo interno.

Este tipo de exercício, assim como muitos outros que são oferecidos como maneiras de constatação de idéias e propostas do Trabalho costumam ser trabalhados de uma maneira muito superficial para que possam ser de real ajuda para uma prática das idéias e processos do Trabalho que possam conduzir a reais resultados.

Na maioria das vezes, tendem a gerar uma postura psicológica de aceitação e continuísmo passivo das idéias que são oferecidas sem que isto cause um impacto transformador na estrutura interna do interessado.

Em outros casos, ocorre a 'síndrome do salvador', um erro conceitual muito comum que fazemos quando confundimos alguma pessoa que nos mostra que estamos em erro como sendo a portadora da cura deste erro apontado. A realidade nos mostra que isto nem sempre é assim.

Assim, quando encontramos pessoas que estão mais ou menos versadas nos temas do Trabalho, é comum encontrarmos uma postura meio desanimada e mesmo, de impotência que se reflete em frases do tipo: 'é verdade, o homem está dormindo o tempo todo', 'é muito difícil sair do sono da máquina', ou algo assim. Isto representa uma postura negativista de origem intelectual e que não conduz a nenhum outro tipo de situação senão a da continuidade da mesma, agora acrescida de um negativismo e inevitabilidade ou sensação de impotência.

Este tipo de comportamento também indica que o interessado realizou muito poucas tentativas para verificar esta realidade do sono da máquina, e que rapidamente aceitou isso como verdade inquestionável. Uma postura no mínimo preguiçosa e inseqüente, em termos da proposta do Trabalho.

Ouspensky cita em seu livro 'Fragmentos de um Ensino Desconhecido', (citando de memória com todos os erros e enganos possíveis...), a estória de um Mago que cuidava de um rebanho de carneiros que eram, como todos os animais, bastante ágeis e indóceis, o que dificultava o seu trabalho de Mago.

Para tentar resolver o problema, ele hipnotizou os seus carneiros, lhes dizendo que eles não precisavam de nada para viver bem, em paz e felicidade e que bastava confiarem nele para que nada acontecesse com eles, pois tudo já estava providenciado e não era necessário fazer nenhum esforço, bastando que eles (os carneiros) confiassem nele (o Mago) completamente. E assim o Mago deixou de ter problemas com o seu rebanho de carneiros.

Evidentemente, essa estória pode ser interpretada de muitas e diferentes maneiras. A maioria das pessoas tende a considerar o Mago como sendo qualquer forma de mestre ou instrutor que, encobrendo as suas reais intenções, engana ou hipnotiza os inocentes carneiros para que eles fiquem dependentes deles para o resto da vida. Essa é uma das interpretações que são válidas seja para pessoas ou instituições do mundo que nos cerca.

Entretanto, o que podemos notar é que o Mago poderia ser uma forma de Realidade ou Vida que estamos vivendo neste preciso momento, na forma de uma Realidade de Consenso, para a qual fomos progressivamente sendo educados e condicionados, que nos fornece idéias, sugere comportamentos e nos controla direta ou indiretamente a partir de uma infinidade de instrumentos de controle social (moralidade, valores familiares, sociais, políticos, religiosos, espirituais, etc.) e que, de certo modo não somos educados nem encontramos facilidade em questionar ou buscar alternativas.

A premência do tempo, o acúmulo de responsabilidades e solicitações do dia a dia nos faz passar batidos por esse conjunto de regras, ligações, oportunidades, controles como se esses elementos representassem uma verdade absoluta e inquestionável, representativa da nossa realidade atual.

No entanto, Gurdjieff chama a essa vida de 'prisão'.

Uma prisão composta de um conjunto de elementos que vieram antes de nós, por exemplo, os elementos culturais, a história; que nos engolfam e nos obrigam a participar dos processos, através da educação, profissão, compromissos assumidos, responsabilidades e seguirá depois de nós, na forma das nossas obras, concretizações, memória e prole, principalmente.

Este parece ser o grande sonho ou mundo dentro do qual estamos mergulhados e devemos tentar sobreviver a ele, se desejamos desenvolver algo que seja intrinsecamente nosso e não meramente condicionado por elementos externos, algo que é impossível de ser feito, enquanto estivermos presos a ele.

Gurdjieff diz que para podermos fugir da prisão, temos de inicialmente reconhecer que realmente estamos presos naquela prisão e não meramente vivendo momentos em que nos parece que as coisas 'não vão bem' e então queremos fugir da prisão, para recairmos nela novamente depois que as coisas se tornam rotineiras e normais de novo.

Temos de ver e aceitar, de forma clara e correta, que estamos presos dentro de um labirinto de relações, situações, comportamentos, responsabilidades que nos foram impostos sem que nos fosse perguntado se desejávamos ou não viver dessa maneira. Temos de ver e compreender aquilo que é a realidade da prisão a que estamos submetidos o tempo todo, naquilo que Gurdjieff chamou de 'ver o horror da nossa situação'.

Para poder fugir desta prisão hipnótica, temos de buscar por ajuda, por outras pessoas que possam nos ajudar ou guiar para fora dela, aquelas que já conseguiram escapar e voltam para poder auxiliar nessa nossa fuga em direção a uma realidade que é

mais objetiva e concreta, onde podemos realmente sermos o que podemos ser e realizar aquilo que podemos fazer.

Essas pessoas, ou guias de fuga, apenas podem ajudar aqueles indivíduos que tomaram a decisão inabalável de realmente fugir da prisão ou sonho hipnótico da realidade de consenso, que estão dispostas a realizar os esforços necessário e pagar o preço que for para isso.

Isto envolve uma atitude básica que irá identificar aquele interessado que realmente pode fazer uso eficiente e correto das idéias e técnicas do Trabalho, daquele que está meramente em realizar algumas poucas experiências que permitam constatar a veracidade ou não das idéias do Trabalho, no intervalo entre uma aula e ioga ou de uma consulta com uma cartomante.

É muito difícil fugir dessa prisão através de um esforço solitário. Na maioria das vezes necessitamos de cúmplices de fuga e algum tipo de orientação. Isto requer que sejamos eficientes, rápidos e focalizados no nosso propósito de fuga, pois o tempo é o nosso maior inimigo, pois conduz á acomodação e um cinismo mortais.

Precisamos encontrar um grupo de pessoas que estejam realmente dispostas a fugir dessa realidade e, ao mesmo tempo, aproveitar o máximo possível as oportunidades e instruções que são recebidas dos guias ou orientadores de fuga.

A perda de tempo aqui, com atividades outras que não as direcionadas com o ato de fugir é mortal para o êxito do processo.

Grupos de estudo, mesmo aqueles que discutem possíveis rotas de fuga da prisão, costumam ser considerados como formas sofisticadas de nos mantermos encarcerados, enquanto buscamos pela melhor oportunidade ou configuração para fugirmos. Perda de tempo.

Fugir da prisão envolve um trabalho e um esforço contínuos muitas vezes frustrantes, pois a prisão é muito maior, flexível e mais ampla do que parece ser de início, e isto não será feito de forma correta em reuniões agradáveis de grupos de estudos seja de qual tema for, se o processo não estiver apoiado e avaliado pela obtenção de reais resultados.

Muitas pessoas imaginam que o ato de fugir da prisão da realidade de consenso significa o abandono de tudo aquilo que a define, modelos, idéias, comportamentos, ligações, prazeres, responsabilidades, etc. Nada mais enganoso, pois meramente substitui uma postura de aprisionamento por uma outra de questionamento e afastamento. Lados da mesma moeda.

Aqui o que é necessário mudar a forma pela qual valorizamos a vida e nossas relações com ela, de modo a podermos, gradualmente, abriremos espaços para outras experiências e oportunidades que o sono hipnótico não permite. Significa tentarmos despertar para uma nova realidade sem que tenhamos de destruir a antiga, mas simplesmente aprendermos a incorporar a vida mecânica numa dimensão muito maior e mais liberta, sem os elementos de remorso, culpa ou responsabilidades que nos cerceiam o tempo todo, aprendendo lidar com a vida mecânica adormecida de forma mais eficiente e correta e com isso, dela arrancarmos os momentos e oportunidades para vivermos uma vida desperta e mais plena.

Não existe conflito aqui, mas uma ampliação de horizontes e a possibilidade de vivermos outras experiências de uma nova forma mais intensa e liberta. Começamos a realmente trabalhar sobre nós mesmos em busca da transformação do ser.

O que diferencia um homem adormecido que deseja despertar de um homem adormecido que realmente deseja fazer isso?

A intensidade e a permanência das ações que justificam esse desejo.

Para que isso tenha valor, o homem que realmente deseja fugir da prisão do sono mecânico, que deseja encontrar um grupo de cúmplices de fuga e a ajuda de alguém que sabe as rotas de fuga, ele deve iniciar a partir do desenvolvimento de uma atitude.

Este é o trabalho inicial que ele deve ser capaz de realizar antes de tudo, antes de realizar qualquer outra atividade voltada com as idéias e práticas do Trabalho.

A atitude implica numa espécie de filtro ou comportamento que um indivíduo impõe sobre uma determinada situação. Podemos ter uma atitude de tolerância, de intolerância, de aceitação, de rejeição, etc.

Geralmente as nossas atitudes são de origem mecânica e geralmente se apóiam em conceitos ou valores pré-existentes da personalidade ou do ego. Portanto tendem a ser preconceituosas e, muitas vezes, irracionais.

Gurdjieff nos propõe assumirmos uma atitude que nos mantenha firmemente ancorados no nosso propósito de fugirmos da prisão, que nos lembre o tempo todo que somos prisioneiros de uma realidade de consenso, que nos hipnotiza e consome e que, somente depois que desenvolvemos e aplicamos essa atitude de maneira contínua na nossa vida diária é que podemos realmente começarmos a obter sucesso das propostas do Trabalho.

Gurdjieff sugere que o buscador tente desenvolver e se busque se apoiar numa atitude de inconformismo (como ele descreve que lhe foi proposta por sua avó, em 'Relatos de Belzebu a Seu Neto').

Um comentário: a própria atitude de inconformismo pode ser mecânica e preconceituosa, quando discordamos de tudo e de todos simplesmente porque fomos feitos (condicionados) a atuar dessa maneira. Nesta situação, o inconformismo é totalmente inútil porque irá contrapor sempre duas realidades, uma, a verdadeira e certa, que é a nossa própria opinião que constantemente é comparada e julgada com aquilo que acontece fora de nós (o 'outro' - pessoas, eventos, situações, acidentes, a própria realidade, etc), e que nos parece ser 'justo' ou 'injusto'.

Na dimensão do Trabalho, aquilo que é uma real atitude de inconformismo acontece quando nos aproximamos de tudo aquilo que representa a realidade mecânica, hipnótica e aprisionante a partir de uma postura de não aceitação das nossas respostas condicionadas e repetitivas.

Nos colocarmos continuamente em cheque contra os comportamentos rotineiros, sejam internos ou externos, buscando como resposta a possibilidade de realizar algo diferente naquele preciso momento. Coisas simples, como por exemplo: formas diferentes de amarrar o cadarço do sapato ou do tênis. Mudar o ritual do banho a cada vez que for tomar banho. Fazer isso com os comportamentos de se alimentar, vestir, andar, seguir roteiros, etc. O tempo todo, 24 horas do dia, o tempo todo questionando o sono e desenvolvendo a capacidade de manter em nossas mentes que estamos numa prisão e que dela queremos fugir, custe o que custar. Em seguida, tentar questionar os modos de pensar, falar, fazer as coisas, etc. O sucesso ou o fracasso aqui não devem ser valorizados aqui além da sua realidade básica: o da intensidade, qualidade, quantidade do nosso inconformismo.

Isto só não basta para fazermos o Trabalho, pois o processo acima descrito rapidamente pode ser modificado e tornado rotina pela própria prisão, o que lhe retira o poder de nos colocar defronte da realidade da prisão, mas, enquanto formos capazes de realizar tais esforços e dada a quantidade e complexidade de oportunidades que podemos explorar a cada dia a dia. Igualmente a sua banalização poderá ser impedida se mantivermos o foco no propósito inicial: gerar e manter de forma constante e contínua uma atitude de inconformismo frente ao grande sonho hipnótico da vida mecânica, essa prisão em que nascemos e morremos, sem muitas vezes sequer imaginarmos, por um momento sequer, o que seria viver uma vida realmente livre.

Eis aqui, em linhas gerais uma maneira que um interessado na prática das idéias do Trabalho, pode avaliar de forma mais ou menos concreta o valor da sua necessidade de despertar do sonho hipnótico e poder escapar, talvez, da prisão da vida mecânica: avaliar o quanto ele é capaz aplicar essa atitude de inconformismo ao longo do seu dia a dia e assim ele irá aos poucos perceber os seus limites e possibilidades vindouras.
Com carinho,

INK/cg/2008